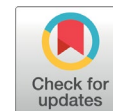




SUPLEMENTO



I Simpósio Online de Pediatria da UFMG - "Os desdobramentos da COVID-19 e do isolamento social na pediatria"

O I Simpósio Online de Pediatria da UFMG - "Os desdobramentos da COVID-19 e do isolamento social na pediatria" (SimPED) foi idealizado pelos coordenadores discentes e pela coordenação docente da Liga de Pediatria da Universidade Federal de Minas Gerais, a fim de abordar os novos desafios que os acadêmicos de medicina poderão encontrar nas consultas dos ambulatórios e centros de saúde, devido à pandemia do Sars-CoV-2, objetivando prepará-los para minimizar os impactos na vida das crianças e adolescentes. O SimPED constitui um evento gratuito que promoveu palestras com pediatras especialistas nos temas, bem como proporcionou a apresentação de pôsteres e temas livres, com a oportunidade de publicação dos melhores resumos na Revista Ciências em Saúde.

Data e Local do evento:

Sexta-feira, 29/10 (18h30min às 21 h)

Sábado, 30/10 (8h30min às 11 h)

Evento online promovido pela Liga Acadêmica de Pediatria da Universidade Federal de Minas Gerais (LAPED - UFMG).

Website: <https://www.even3.com.br/lapedsimposio/>

E-mail: contatolapedufmg@gmail.com

Instagram do Simpósio: @simpedufmg

Instagram da LAPED: @lapedufmg

Comissão Científica:

Ana Cristina Simões e Silva

Elke Nascimento Gomes do Valle

André da Silva Barros

Guilherme Landim Gonçalves

Marianny Rodrigues de Andrade



<https://doi.org/10.21876/rcshci.v12i1.1288>

Publicado em 30/3/2022

Como citar este artigo: Anais do I Simpósio Online de Pediatria da UFMG - "Os desdobramentos da COVID-19 e do isolamento social na pediatria". Rev Cienc Saude. 2022;12(1):85-99. <https://doi.org/10.21876/rcshci.v12i1.1288>

2236-3785/© 2022 Revista Ciências em Saúde. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob uma licença CC BY-NC-SA (https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR)



SÍNDROME INFLAMATÓRIA MULTISSISTÊMICA PEDIÁTRICA TEMPORALMENTE ASSOCIADA AO SARS-COV-2

André Dias Sanglard¹, Carolina Fernandes Otoni Vieira², Gabriela Barbi Freire Maia², Lívia Isabela de Oliveira³

¹Acadêmico de Medicina pela UFMG; ²Acadêmico de Medicina pela CMMG; ³Médica Pediatra com pós-graduação em Alergia e Imunologia Pediátrica e Professora na Faculdade de Medicina CMMG.

Introdução: A infecção pelo SARS-CoV-2 na população pediátrica pode gerar duas patologias distintas, a COVID-19, uma síndrome respiratória aguda, ou a Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica (SIM-P), uma complicação gerada pela ativação excessiva de células T citotóxicas com liberação maciça de mediadores inflamatórios, causando envolvimento multissistêmico e sendo potencialmente fatal. **Objetivo:** Explorar a SIM-P, abordando epidemiologia, manifestações clínicas, marcadores biológicos, diagnóstico, tratamentos disponíveis e prognóstico. **Metodologia:** Leitura, análise e discussão de artigos científicos encontrados nas bases científicas: PubMed, SciELO e JAMA Network, com data posterior a junho de 2020, usando as palavras-chave: “MIS- C”; SIM-P; COVID-19; SARS-CoV-2; Kawasaki. **Resultados:** No Brasil já foram notificados 2264 casos de SIM-P. Apesar do tropismo do SARS-CoV-2 pelo trato respiratório, apenas 50% dos pacientes com SIM-P apresentam sintomas respiratórios, sendo as manifestações cardiovasculares e gastrointestinais mais frequentes. Ademais, SIM-P possui apresentação clínica e laboratorial semelhante à Doença de Kawasaki (DK). É observado nos pacientes com SIM-P aumento de marcadores biológicos inflamatórios, de coagulação e de dano cardíaco. O diagnóstico é clínico-laboratorial seguindo parâmetros da OMS. O tratamento consiste em imunoglobulinas intravenosas e corticosteroides, associadas a fármacos para estabilização hemodinâmica do paciente e para terapêutica sintomática. Referente ao prognóstico, parcela relevante dos pacientes necessitam internação em unidade intensiva, a mediana de hospitalização é de 8 dias e taxa de mortalidade inferior a 2%. **Conclusão:** A SIM-P é uma patologia causada pelo SARS-CoV-2, mas etiológicamente diferente da COVID-19 aguda. Ademais, ainda que parcela relevante de pacientes com SIM-P apresente sinais clínicos e laboratoriais análogos à DK, podendo até preencher critérios para DK completa, essas também são patologias distintas e devem ser abordadas como tal para o melhor prognóstico do paciente. A SIM-P requer um tratamento intensivo e multidisciplinar próprio. Apesar da gravidade da doença e do alto índice de hospitalização, a taxa de mortalidade é baixa. Por fim, são necessários novos estudos que permitam uma melhor compreensão da fisiopatologia da doença, da relação dela com os imunizantes disponíveis e das sequelas a longo prazo.

EXPOSIÇÃO AO TEMPO DE TELA EM ADOLESCENTES E SEUS POSSÍVEIS DESFECHOS

João Pedro Silva Teixeira de Carvalho¹, Gabriel Anselmo Frota¹, Janaina Matos Moreira²

¹Acadêmico de Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); ²Mestre e doutora em neurociências pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Introdução: A exposição ao tempo de tela na população pediátrica é preocupação recorrente em consultas de puericultura. Com o desenvolvimento tecnológico, há maior possibilidade de uso de aparelhos portáteis, aumentando, assim, o tempo de tela, o que reacendeu o debate sobre os efeitos dessa exposição. **Objetivo:** Esse trabalho visa fazer uma breve revisão sobre as evidências disponíveis sobre o tempo de tela e a saúde mental em adolescentes, dado o notório crescimento na utilização de eletrônicos. **Metodologia:** Revisão narrativa da literatura científica, com busca na “PubMed”. Para a coleta, utilizou-se os termos: “screen time” e “adolescents” da base MeSH, correlacionados pelo operador booleano AND, publicados nos últimos 5 anos, dentre revisões sistemáticas, metanálises e ensaios clínicos. **Resultados:** Foram encontrados inicialmente 128 artigos, tendo sido selecionado pelo título 10 artigos para leitura integral, e utilizados 8 artigos para a revisão. Os desfechos foram variados de acordo com a faixa etária estudada. Avaliando adolescentes, um estudo demonstrou efeitos positivos para o uso de tela, em tempos moderados e controlados. Dentre os desfechos foram encontrados aumento da capacidade de formulação de novas ideias, estímulo para engajamento social e aumento dos níveis de empatia. Esses efeitos se dão, pois, as redes sociais atuam hoje como forma importante de socialização para os jovens. Entretanto, a supervisão do uso das tecnologias ainda é indispensável. Todos os artigos demonstraram que o uso indevido e abusivo de tempo de tela está associado a inúmeros desfechos negativos. Os efeitos mais relatados foram: aumento de sintomas depressivos e ansiosos, aumento do peso corporal, sedentarismo e redução da performance acadêmica. Alguns estudos sugerem limitar o uso diário de tempo de tela para lazer em 2 a 3 horas por dia. **Conclusão:** Apesar das tecnologias fazerem parte indispensável da socialização dos adolescentes e os possíveis efeitos positivos associados ao seu uso, ainda é preciso estimular a redução do tempo de tela nessa população, tendo em vista os impactos negativos importantes na saúde do paciente a curto e longo prazo. Se torna imperativo, portanto, a abordagem e instrução correta aos pais e ao adolescente em relação a essa exposição e fornecer alternativas de interações e lazer.

PANORAMA ATUAL DA LEUCEMIA LINFOBLÁSTICA AGUDA NA FAIXA ETÁRIA PEDIÁTRICA

Bianca Aparecida Gonçalves¹, André Luiz de Jesus Mendes¹, Camila Bruck de Siqueira¹, Julia Santana Martins¹, Otávio Augusto Coelho¹, Keyla Christy Christine Mendes Sampaio Cunha²

¹Acadêmico do 6º período de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); ²Professora do Departamento de Pediatria da Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A leucemia linfoblástica aguda (LLA) é uma doença hematológica heterogênea caracterizada pela proliferação de células linfóides imaturas na medula óssea, sangue periférico e outros órgãos. É a neoplasia maligna pediátrica mais comum, sendo seu pico de incidência entre os 2 e 5 anos de idade. Nas últimas décadas, as taxas de cura para pacientes pediátricos com essa doença melhoraram drasticamente, principalmente devido aos avanços na compreensão da genética molecular e patogênese, à incorporação de terapia adaptada ao risco, ao advento de novos agentes direcionados e ao transplante de células-tronco hematopoiéticas alogênicas. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é analisar as informações encontradas na literatura sobre a LLA incidente na faixa etária pediátrica, apresentando um panorama geral da patogênese, fisiopatologia, clínica, diagnóstico e tratamento. **Métodos:** Foi realizada uma revisão da literatura com busca nas bases de dados “SciELO”, “PubMed” e “Google Acadêmico”, utilizando os descritores “Leucemia Linfóide Aguda”, “Leucemia Linfoblástica Aguda” e “Pediatria”. Os artigos selecionados foram publicados em inglês e português, datados a partir de 2004. **Resultados:** A LLA pediátrica apresenta-se de forma menos agressiva e com resposta mais satisfatória à quimioterapia em relação à população adulta. Seu diagnóstico é baseado nas análises morfológica e citológica das células neoplásicas, e sua patogênese envolve a proliferação e diferenciação anormais de uma população clonal de células linfóides decorrentes da expressão aberrante de proto-oncogenes, translocações cromossômicas, hiperdiploidia, entre outras. Os sintomas característicos são decorrentes da infiltração medular e de outros tecidos por clones leucêmicos, como anemia, plaquetopenia e neutropenia. Em relação ao tratamento, o desenvolvimento de combinações terapêuticas, utilizando diversas drogas citotóxicas com ou sem transplante de medula óssea, tem aumentado o percentual de cura da criança com LLA em mais de 80%, proporcionando bom prognóstico em mais de 90% dos casos. **Conclusão:** Nos últimos anos, ocorreram avanços na compreensão da biologia e na eficácia de abordagens terapêuticas da LLA. Assim, espera-se que, nos próximos anos, a paisagem genômica da LLA seja mais profundamente descrita, as causas biológicas para a falha do tratamento mais elucidadas, e os papéis de uma gama de novos agentes terapêuticos, definidos.

TERAPIA DE PRÓTONS COMO POSSÍVEL ALTERNATIVA AOS EFEITOS CARDIOTÓXICOS DA RADIOTERAPIA DE FÓTONS NO TRATAMENTO DE MEDULOBLASTOMA PEDIÁTRICO

Vitor Palhares Baeta Duarte¹; Lucas Palhares Baeta Duarte²; Gabriela Poluceno Pereira¹; Giovanna Carvalho Silva²; Marcelo Mamede³

¹Acadêmico de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais; ²Acadêmico de Medicina Faculdade de Medicina de Barbacena (FAME), Barbacena, Minas Gerais; ³Professor do Departamento de Anatomia e Imagem da

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais.

Introdução: Na faixa pediátrica o meduloblastoma representa cerca de 10% dos tumores do sistema nervoso central, sendo a neoplasia mais comum do neuroeixo. A radioterapia representa uma etapa indispensável no seu tratamento por reduzir a recorrência tumoral. No entanto, um dos efeitos observados na radioterapia baseada em fótons, especialmente em pacientes pediátricos, é a cardiotoxicidade associada à dose de saída da radiação. Acredita-se que essa toxicidade se dá pelo efeito da radiação na ativação de uma resposta inflamatória tecidual, resultando em fibrose intersticial difusa. Como resultado, a irradiação do neuroeixo em crianças está associada ao surgimento de diversas cardiopatias, como pericardite e doença coronariana. De fato, crianças que recebem mais de 5 Gy no coração durante o tratamento com raios X possuem chances 5 vezes maiores de morte por doenças cardiovasculares. Nessa perspectiva, a terapia de prótons surge como uma possível alternativa para reduzir a mortalidade associada aos efeitos cardiotoxicos da terapia convencional. O padrão de interação dos prótons com a matéria se mostra especialmente relevante para a terapêutica oncológica, visto que a irradiação do neuroeixo por feixes de prótons não gera dose de saída, sendo uma maneira de preservar as estruturas torácicas durante o curso do tratamento. **Objetivos:** O presente trabalho tem como objetivo, por meio de uma revisão narrativa da literatura, destacar a terapia de prótons como possível alternativa mais segura e efetiva no tratamento de meduloblastomas pediátricos. **Métodos:** Pesquisa na plataforma PubMed com os termos (Medulloblastoma) AND (Proton Therapy). Pesquisa na plataforma UpToDate com o termo (Medulloblastoma). Foram selecionados e analisados um total de 8 artigos relevantes. **Resultados:** De forma encorajadora, os estudos reportaram boas taxas de sobrevivência, com ausência de sequelas cardíacas. Um estudo comparativo mostrou que a incidência de mortalidade por cardiopatias em pacientes pediátricos tratados com terapia de prótons é de 6 vezes menor quando comparada a pacientes tratados com fótons, deixando claro o impacto da ausência de dose de saída na preservação das estruturas torácicas. **Conclusão:** A partir da revisão dos artigos, nossos achados sugerem fortemente a terapia de prótons como possível alternativa para redução dos efeitos cardiotoxicos em crianças.

NEUTROPENIA FEBRIL EM PACIENTES PEDIÁTRICOS ONCOLÓGICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Gustavo Domingos Melo Pinto¹; Renato Camata Couto¹; Júlia Assis Rodrigues¹; Welington Martins Oliveira Filho¹; Romina Aparecida dos Santos Gomes²

¹Acadêmico de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, Brasil. Membros da Liga Acadêmica de Terapia Intensiva Pediátrica da UFMG; ²Médica intensivista pediátrica, professora assistente do departamento de Pediatria da UFMG.

Introdução: A neutropenia febril é uma complicação frequente na evolução de crianças com câncer tratadas com quimioterápicos. É uma condição de elevada mortalidade, sendo considerada emergência médica. **Objetivo:** Discorrer sobre a abordagem diagnóstica e o manejo da neutropenia febril em pacientes oncológicos pediátricos. **Metodologia:** Revisão de literatura no Medline com uso dos descritores Neutropenia Febril, Neoplasias e Pediatria. **Resultados:** Neutropenia refere-se à contagem total de neutrófilos menor que 500/ μ L, ou menor que 1.000/ μ L com previsão de queda (< 500/ μ L) em 48 horas. Se considera febre a temperatura axilar entre 37,5o e 38oC. Os riscos de infecções bacterianas e fúngicas são inversamente proporcionais à contagem de neutrófilos e tem probabilidade de ocorrência aumentada quanto maior for o período de neutropenia. Na anamnese deve ser considerado o contexto clínico, abordando a febre e sintomas associados. O exame físico deve ser realizado sistematicamente de forma completa, dando atenção especial à pele, mucosas de regiões genital, anal, oral, aos locais de inserção de cateteres, de punção medular e sítios cirúrgicos, quando presentes. Na avaliação propedêutica é essencial solicitar hemograma, plaquetas, creatinina, ureia, função hepática e hemoculturas - coletadas antes do início da antibioticoterapia, em duas amostras de acessos periféricos diferentes. Na presença de cateter venoso central, deve-se colher uma amostra deste acesso e uma de outro acesso periférico. Urocultura, cultura da secreção de feridas por swab e análise líquórica estão indicadas apenas quando há suspeita de infecção localizada. Para tratamento por via oral, estão disponíveis quinolonas com ação antipseudomonas (Ciprofloxacina) e beta-lactâmicos (Amoxicilina/Clavulanato). Para terapia intravenosa, é recomendado uso de cefalosporina de quarta geração (Cefepime), drogas antipseudomonas (Piperacilina/Tazobactam) ou carbapenêmicos (Imipenem ou Meropenem), dependendo da flora à qual o paciente está exposto. O uso da Vancomicina pode induzir resistência em cepas de enterococos e *S. aureus*, sendo recomendada para infecções por *Staphylococcus aureus* e estafilococos resistentes a betalactâmicos e fluoroquinolonas. **Conclusão:** Todo paciente pediátrico oncológico com neutropenia febril deve ser investigado e receber tratamento empírico com antimicrobiano de amplo espectro tão logo seja feito o diagnóstico. Essa medida é fundamental nestes pacientes que apresentam imunidade comprometida, pois reduz drasticamente a mortalidade.

USO DE CANABINÓIDES NA TERAPÊUTICA DE PACIENTES PEDIÁTRICOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Carolina Andrade Koehne¹, Giovanna Correia Pereira Moro¹, Ana Paula Consentino Figueiredo Silva¹

¹Acadêmico de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais.

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) compreende um conjunto de questões do

neurodesenvolvimento caracterizadas por dificuldades de comunicação e interação social, com comportamentos repetitivos típicos desde a primeira infância. Em uma abordagem clínica convencional, os pacientes, desde os primeiros anos de vida, tendem a utilizar múltiplos fármacos para o tratamento dos sintomas do TEA. Com isso, a análise de novas substâncias para manejo complementar ou tratamento em potencial dessa condição faz-se relevante. **Objetivos:** Investigar os impactos sócio emocionais do uso de canabinóides (CBD) no tratamento de pacientes pediátricos com TEA. **Metodologia detalhada:** Pesquisa na plataforma PubMed com os termos (*autism*) AND (*cannabis*). A seleção de revisões, revisões sistemáticas e metanálises publicadas entre 2017 e 2021 resultou em 32 artigos. Após a exclusão daqueles que não contemplavam o objetivo proposto e a faixa etária pediátrica analisada, restaram 16 artigos. **Resultados:** Há poucos estudos que ressaltam os efeitos do uso de CBD no tratamento de TEA, sendo que a maioria deles conta com reduzido número de participantes. Todavia, salienta-se que, entre os pacientes pediátricos submetidos a administração oral dessa substância, houve melhora dos quadros de ansiedade, comunicação, irritabilidade, cognição, atenção, automutilação, hiperatividade, problemas de sono e de humor. Essa circunstância se deve à ativação, provavelmente proporcionada por CBD, dos receptores pertencentes ao sistema endocanabinóide (SECB). Este sistema está intrinsecamente ligado à neuromodulação e, portanto, desempenha um papel importante no sistema nervoso central e periférico, controlando a liberação de neurotransmissores (por exemplo, glutamato, dopamina e GABA). Dessa forma, o SECB pode ser fundamental no alívio de alguns sintomas neuropsiquiátricos, sendo um moderador chave de respostas relacionadas à sociabilidade e ansiedade, por exemplo. Assim, ele pode ser um alvo terapêutico interessante no tratamento do TEA. **Conclusão:** Apesar dos estudos na área serem pouco presentes, verifica-se a hipótese de que o uso de CBD gera impactos sócio-emocionais positivos no tratamento de TEA. Logo, ressalta-se a importância da continuidade da pesquisa científica nessa área para a confirmação da segurança e da eficácia dessa terapêutica para posterior abordagem na clínica pediátrica.

O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE MENTAL E DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Carolina Andrade Koehne¹, Giovanna Correia Pereira Moro¹, Laura Varges Lopes²

¹Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais; ²Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais.

Introdução: A pandemia COVID-19 expõe os indivíduos não apenas a riscos relacionados à saúde, mas também ao medo psicossocial e ao estresse agudo. Em particular, crianças e adolescentes estão entre os mais expostos a

tais ameaças, uma vez que muitas necessidades indispensáveis de desenvolvimento foram severamente limitadas pelas medidas de controle da pandemia. O período de bloqueio foi caracterizado por uma perigosa coexistência de fatores de risco, tais como: estresse massivo, reorganização da rotina diária e familiar, medo da morte e preocupação com os entes queridos, crise econômica, perda de sistemas de apoio, acesso limitado a serviços hospitalares e redução interação com colegas e professores. Diante disso, criou-se a hipótese de que houve um aumento do sofrimento mental e, conseqüentemente, do desenvolvimento de Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) em pacientes pediátricos. **Objetivo:** Investigar os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de pacientes pediátricos, com foco no desenvolvimento de Transtorno do Estresse Pós-traumático (DSM-5 F43.10). **Metodologia detalhada:** Pesquisa nas bases de dados PubMed e NCBI com os termos (COVID) AND (PTSD) AND (Children). A seleção de ensaios clínicos, revisões sistemáticas e metanálises publicadas em 2020 e 2021 resultou em 103 artigos. Após a exclusão daqueles que não contemplavam o tema proposto, restaram 25 artigos. **Resultados e Conclusão:** Dentre os artigos analisados, há uma convergência no aumento do sofrimento mental em pacientes pediátricos e na maior incidência de sintomas característicos do TEPT após o início das medidas de *lockdown*. Também é possível inferir os perfis dos pacientes que apresentam maior risco para o desenvolvimento de TEPT, sendo eles: Gênero feminino, adolescência, vulnerabilidade socioeconômica, maior exposição a mídias sociais e histórico de abuso infantil. Porém, é necessário considerar a limitação da análise, uma vez que a maioria dos estudos foi realizado por meio de autoavaliações ou formulários preenchidos por pais dos pacientes. Apesar disso, conclui-se que a pandemia da COVID-19 gerou um impacto significativo na saúde mental de pacientes pediátricos, com o aumento do sofrimento mental e desenvolvimento de TEPT.

TERAPIA DE OXIGENAÇÃO POR MEMBRANA EXTRACORPÓREA (ECMO) EM PACIENTES PEDIÁTRICOS COM DISFUNÇÃO CARDIORRESPIRATÓRIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Anne Caroline Magalhães Oliveira¹, Artur Lima Sendin¹, Emanuel Luis da Silveira¹, Moisés Barbosa de Andrade¹, Romina Aparecida dos Santos Gomes²

¹Acadêmico do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG-Brasil; ²Docente da UFMG, Belo Horizonte, MG-Brasil.

Introdução: A oxigenação por membrana extracorpórea (ECMO) é uma terapia que usa uma circulação extracorpórea parcial modificada para prestar apoio pulmonar e/ou cardíaco por certo período, geralmente de uma a quatro semanas. É usada em pacientes com insuficiência cardiopulmonar reversível devido a doenças pulmonares, cardíacas ou de outro tipo. A ECMO proporciona tempo para descanso pulmonar/cardiaco e para recuperação. As indicações que levam ao uso de ECMO em pacientes pediátricos são as mais diversas e sua

utilização vem aumentando progressivamente nos últimos anos, incluindo em neonatais. **Objetivo:** Identificar as principais indicações, contraindicações, complicações e prognóstico da ECMO em pacientes pediátricos. **Metodologia detalhada:** Foram utilizados como descritores "extracorporeal membrane oxygenation", "heart failure", "respiratory insufficiency" e "children" para realização de revisão bibliográfica nas plataformas PubMed e Embase, sendo selecionados 8 artigos considerados relevantes. **Resultados:** Após revisão da literatura, foi encontrado que a ECMO é indicada em casos de disfunção cardiopulmonar, como parada cardíaca refratária, hipertensão pulmonar, doença cardíaca congênita, cardiomiopatias, doenças associadas à COVID-19, entre outros. Foi identificado, também, que a ECMO é contraindicada em prematuridade, cardiopatias congênitas curáveis na ausência de tratamento cirúrgico, deficiência neurológica grave, e situações em que o suporte trará mais danos do que benefícios. Em relação as complicações, as principais são sangramento intracraniano e nos pontos de punção, hemólise, trombose, infecções, danos neurológicos e insuficiência renal. Quanto ao prognóstico, a taxa de sobrevivência global é estimada em 60% pela Organização de Suporte de Vida Extracorpórea (ELSO). Desse modo, o sucesso de uma ECMO está intimamente ligado à doença de base, as terapias, ao papel da equipe paramédica e aos cuidados associados. **Conclusão:** A ECMO é uma técnica que tem sido cada vez mais utilizada como suporte de vida temporário para pacientes pediátricos que apresentam disfunção cardiopulmonar refratária as intervenções convencionais. No entanto, apesar de ser uma opção terapêutica, alguns desafios, como a seleção correta dos pacientes e a duração da terapia, ainda precisam ser ultrapassados para que haja uma redução da morbimortalidade ocasionada por complicações da ECMO. Assim, são necessários mais estudos acerca dos protocolos de cuidados para o atendimento correto e eficiente desses pacientes.

MANIFESTAÇÕES GASTROINTESTINAIS E TRANSMISSÃO FECAL-ORAL DO CORONAVÍRUS 19 EM PACIENTES PEDIÁTRICOS - REVISÃO DE LITERATURA

Andreza Marques Pereira¹, Letícia Siqueira Guilherme¹, Mariana Augusta Vieira Souza¹, Sofia Laura Archângelo e Silva¹, Maria Carolina Feres de Lima Rocha Gama²

¹Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE, Barbacena - MG; ²Pediatra, Docente da Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE, Barbacena - MG.

Introdução: As principais manifestações clínicas do coronavírus 19 (COVID-19) são sintomas respiratórios, porém em pacientes pediátricos foi observado com frequência sintomas gastrointestinais. Entre as manifestações gastrointestinais mais comuns encontram-se diarreia, dor abdominal, anorexia, náuseas e vômitos. A transmissão do vírus ocorre principalmente pelo sistema respiratório, mas estudos recentes mostraram que a transmissão fecal-oral pode ser uma potencial via para disseminação da infecção. **Objetivo:** Apresentar

dados científicos já conhecidos sobre as manifestações gastrointestinais da infecção pelo SARS-CoV-2 e a transmissão fecal-oral na faixa etária pediátrica, a fim de sintetizar as informações mais relevantes até o momento. **Metodologia:** Revisão da literatura realizada a partir das bases de dados Medical Publisher (PubMed), Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), através da aplicação dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “COVID-19”, “Sistema digestório”, “Pediatria”. Foram selecionados artigos completos publicados no período de junho de 2020 a fevereiro de 2021, nas línguas inglesa e portuguesa. **Resultados:** Embora as manifestações respiratórias sejam mais evidentes na infecção pelo coronavírus, estudos na faixa etária pediátrica evidenciaram habitualmente presença de sintomas do trato gastrointestinal (TGI) associados ou não à síndrome gripal, sendo os principais sintomas observados: diarreia, anorexia, vômitos, náuseas, dor abdominal e sangramento do TGI. A presença do RNA viral em amostras fecais corrobora a necessidade de melhor investigação da via fecal-oral na transmissão da doença. Não existem evidências de que pacientes pediátricos com doenças gastrointestinais crônicas apresentem risco elevado de desenvolverem formas graves da infecção por Sars-Cov-2. A terapia nutricional pode contribuir para um melhor prognóstico e recuperação desde que a dieta fornecida seja adequada. **Conclusão:** As manifestações gastrointestinais são comuns na população pediátrica com COVID-19, mesmo na ausência de sintomas respiratórios, não podendo descartar a suspeita de infecção pelo Sars-Cov-2 naqueles casos que apresentem sintomas do TGI isolados. Até o presente momento não existe evidências que comprovem maior risco de desenvolvimento da infecção na forma grave em pacientes portadores de doenças crônicas do TGI, bem como a infecção fecal-oral.

REPERCUSSÕES DO AUMENTO DO TEMPO DE TELA NAS CRIANÇAS DE 1 A 5 ANOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

João Pedro Oliveira¹, Marianne Fonseca Sarto², Cássio da Cunha Ibiapina³

¹Acadêmico do curso de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, Brasil; ²Acadêmica do curso de medicina da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil; ³Docente do curso de medicina da UFMG, Minas Gerais, Brasil.

Introdução: Nas crianças de 1 a 5 anos, com a pandemia de COVID-19, o isolamento social e as políticas de proibição de atividades em locais públicos culminaram na transferência de estudos e lazer para o ambiente doméstico. Nessa perspectiva, ao se comparar com o período pré-pandêmico, vários indícios apontam para um aumento expressivo do tempo de tela nessa população. Tal fato torna-se preocupante à medida que uma exposição excessiva a telas estabelece correlação com piores indicadores físicos, psíquicos, neurológicos e nutricionais. **Objetivos:** Este trabalho objetiva analisar as implicações do aumento do tempo de telas por crianças de 1 a 5 anos durante a pandemia de COVID-19.

Metodologia detalhada: Para a coleta de dados, foi executada uma busca bibliográfica na base de dados PubMed. Foram resgatados 823 artigos em inglês, publicados entre 2000 e 2021. Desses, 6 artigos foram selecionados para a produção deste trabalho. **Resultados:** Durante a pandemia de COVID-19, 74,9% a 76,9% da população de 1 a 5 anos vivenciou um aumento no tempo de tela total diário. Em alguns casos, houve um incremento da média de 1,66 horas/dia, no período antecedente à pandemia, para 3,05 horas/dia. Ainda nessa perspectiva, foi constatado um acréscimo proporcionalmente maior nas crianças mais velhas em relação as mais novas. Nesse viés, tal fato torna-se relevante à medida que um tempo demasiado de tela na referida faixa etária está associado à maior tendência à adiposidade, ao sobrepeso, à obesidade e pior qualidade alimentar. Ademais, o uso excessivo de telas também causa atrasos de desenvolvimento na linguagem, dificuldades no aprendizado matemático, linguístico e de leitura. Somado a isso, observa-se conjuntamente problemas na duração e qualidade do sono, dificuldades nas relações interpessoais, hiperatividade, baixa autoestima e sintomas depressivos. Esses, inclusive, com efeito de dose-resposta. **Conclusão:** Há evidências de que houve aumento considerável do tempo de tela durante a pandemia de COVID-19 e que essa elevação provoca diversas repercussões negativas no desenvolvimento, na nutrição e em funções psíquicas de crianças de 1 a 5 anos.

SÍNDROME INFLAMATÓRIA MULTISSISTÊMICA E DOENÇA DE KAWASAKI EM CRIANÇAS COM INFECÇÃO POR SARS-COV-2: UMA REVISÃO LITERÁRIA

Mariana Oliveira Guimarães Vieira¹, Pedro Heleno Valente Ribeiro¹

¹Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A Síndrome Inflamatória Multissistêmica (SIM) e a Doença de Kawasaki (DK) são fenômenos imunomediados que compreendem estado hiperinflamatório e vasculite sistêmica. Produzem amplo espectro de manifestações clínicas e complicações, especialmente no sistema cardiovascular. Desde o início da pandemia de COVID-19, foi observado considerável aumento nas notificações de SIM e DK, sobretudo em pacientes expostos ao vírus SARS-CoV-2. A partir desse contexto, estudos apontaram relação etiopatogênica entre a infecção por SARS-Cov-2 e a ocorrência de SIM e DK. **Objetivo:** Objetiva-se reunir estudos para descrição e análise de evidências científicas acerca das implicações clínico-epidemiológicas e fisiopatológicas de SIM e DK em crianças com Covid-19 e a relação de tais doenças com o vírus SARS-Cov-2. **Metodologia:** Trata-se de revisão narrativa da literatura científica. Estudos foram identificados no banco de dados PubMed de acordo com os seguintes descritores da base DeCS/MeSH: (“kawasaki-like disease” OR “Kawasaki disease” OR “Kawasaki syndrome”) AND (children OR childhood OR child) AND (COVID-19 OR coronavirus). Foram selecionados e analisados na íntegra 9 artigos de

interesse, sendo apenas revisões sistemáticas e metanálises, visando maior robustez científica. **Resultados:** A SIM e a DK são consideradas entidades semelhantes, por apresentarem vias comuns de mecanismos patogênicos. Ambos os fenômenos parecem constituir resposta inflamatória tardia após processo infeccioso, mediada principalmente pela ação de neutrófilos, linfócitos, citocinas e imunoglobulinas. Com relação à infecção por SARS-Cov-2, propõe-se que os anticorpos produzidos gerem estado de hiperresponsividade imunológica, com aumento da permeabilidade vascular. Acredita-se que o vírus possa bloquear a resposta de interferons, de forma a contribuir para o aumento de citocinas que ocorre após a infecção. As manifestações clínicas são similares, incluindo febre persistente, alterações gastrointestinais, mucocutâneas e cardiovasculares. Apesar de constituírem quadros afins, DK e SIM apresentam diferenças clínicas, laboratoriais e epidemiológicas que as tornam diagnósticos distintos. **Conclusão:** O estudo sobre a relação de SIM e DK em pacientes pediátricos infectados por SARS-Cov-2 é pertinente, sobretudo diante do atual curso da pandemia. Destaca-se a importância da realização de novos estudos, para maior elucidação de questões clínicas, fisiopatológicas e epidemiológicas, objetivando consolidar abordagens diagnósticas e terapêuticas.

RELATO DE CASO: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 EM CRIANÇA PORTADORA DE ENURESE

Kamila Coimbra Ribeiro¹, Larissa Menezes Deodato¹, Maria Letícia da Silva Campos¹, Thathiana Borini Avelar Heredia², Cacilda Andrade de Sa³

¹Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora; ²Psicóloga colaboradora externa no Projeto de Enurese e DTUI do ambulatório de Enurese do HU/UFJF; ³Psicóloga do Ambulatório de Enurese/Uropediatria do HU/UFJF.

Introdução: A enurese consiste na perda involuntária de urina durante o sono após os 5 anos, favorecendo conflitos familiares e implicações socioemocionais. Equitativamente, a pandemia de COVID-19 também proporciona maior vulnerabilidade a alterações psicológicas nas crianças, devido ao confinamento, a pais estressados, ao ensino remoto e a familiares doentes, além da dificuldade de acesso ao tratamento, propiciando agravamento do quadro. Ademais, pesquisas evidenciam que reações emocionais ao COVID-19 foram preditores de desfechos de saúde mental em jovens, justificando o presente estudo. **Descrição do caso:** P.A.S.G., 11 anos, natural de Juiz de Fora, é encaminhado ao ambulatório de Enurese e Doenças do Trato Urinário Inferior do HU/UFJF, onde é acompanhado por equipe multidisciplinar. A criança apresentava enurese primária, monossintomática. Usou fralda até 4 anos e, após isso, os pais passaram a acordar o filho para ir ao banheiro. P.A. relata vergonha com as perdas urinárias noturnas. Havia punição verbal, que cessou após orientação dos psicólogos. Em 2020, queixou-se de piora do sintoma, sendo que estava apresentando melhora no quadro antes da pandemia. A ansiedade

tornou-se frequente, bem como o medo da noite, da contaminação e morte dos pais. Na pandemia, a criança frequentou atendimentos com a psicologia. Com o anúncio de retorno as aulas, houve sentimento ambivalente entre encontrar amigos e maior exposição ao coronavírus. Iniciou o uso do alarme para continuidade do tratamento. A partir de dezembro de 2020, P.A. esteve com noites secas, com escapes em noites aleatórias até meados de julho de 2021. Segundo os pais, após acordar seca, a criança está mais receptiva, participando ativamente do tratamento. **Discussão:** Há uma associação entre a enurese e os transtornos psiquiátricos, que afetam 20 a 30% dessa população. Ademais, a intolerância parental pode resultar em punições verbais e físicas. Percebe-se, então, como o contexto do confinamento pode prejudicar esses pacientes ao agravar o sofrimento psíquico pelos fatores estressores relacionados à pandemia e ao aumentar o atrito com pais intolerantes. **Conclusão:** Portanto, observam-se repercussões negativas à saúde dessa criança enurética associadas ao contexto pandêmico, enfatizando a necessidade de estudos para avaliar esses impactos, a fim de promover o cuidado integral.

BENEFÍCIOS DA EQUOTERAPIA NOS DESFECHOS SOCIAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Amanda Lanna Vasconcelos Girundi¹, Anna Carla di Napoli Andrade e Braga¹, Beatriz Lara Resende Teixeira¹, Ana Clara Santana de Souza²

¹Acadêmica de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais; ²Docente da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais.

Introdução: O transtorno do espectro autista (TEA) é associado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a uma série de manifestações que comprometem o desenvolvimento social e a linguagem dos indivíduos afetados. A condição normalmente começa a se manifestar durante a infância e fica aparente nos primeiros anos de vida, além de acompanhar o indivíduo por toda a vida. A equoterapia é uma intervenção que oferece resultados na inclusão de crianças e adolescentes com TEA, visando conectar pacientes à natureza e aos animais, o que favorece a saúde e o bem estar dos indivíduos. **Objetivo:** O objetivo do estudo foi revisar a literatura existente sobre os efeitos da equoterapia nos desfechos sociais de crianças e adolescentes com autismo. **Metodologia:** As pesquisas foram realizadas nas bases de dados PubMed, SciELO e Lilacs. As palavras-chave foram: “Hippotherapy”, “Equine Therapy”, “Autism”, “Autism Spectrum Disorder”, “Children” e “Social”, usando o operador booleano “AND” entre esses descritores. Foram incluídos estudos classificados como ensaios clínicos aleatorizados ou não, e estudos quasi-experimentais, que descreveram como a equoterapia pode auxiliar no desenvolvimento social de crianças e adolescentes com autismo. **Resultados:** Dos seis artigos apresentados, todos relataram melhora na integração social dos pacientes com TEA, sendo que 3 descrevem melhoras significativas

na contenção de reflexos agressivos e na hiperatividade dos afetados. No entanto, um dos artigos menciona que os ganhos adquiridos durante a equoterapia reduzem significativamente após 6 semanas de interrupção da prática. **Conclusão:** A presente revisão aponta que a Equoterapia pode contribuir positivamente para o desenvolvimento das funções social e comportamental em crianças/adolescentes com TEA e, assim, a melhora da qualidade de vida e participação social. Embora as publicações científicas envolvendo a Equoterapia estejam crescendo, os resultados apresentam-se mais consistentes em diagnósticos clínicos como Paralisia Cerebral, enquanto os estudos com a população de crianças/adolescentes com TEA encontram-se limitados. Nesse sentido, é notória a necessidade de mais pesquisas sobre Equoterapia na TEA, como estudos experimentais randomizados, já que os estudos existentes apontam desfechos positivos no tratamento.

IMPACTOS DO AUMENTO EXCESSIVO DO TEMPO DE TELA POR CRIANÇAS ESCOLARES E PRÉ-ESCOLARES DURANTE A PANDEMIA DA COVID -19

Patrícia de Oliveira Arruda¹, Elvira Maria Ferreira de Araújo², Thamires Dias Guimarães Jardim¹, Lilian Marta do Amparo Sobrinho³

¹Discente da Universidade Estácio de Sá - Rio de Janeiro, ²Discente da Universidade Católica de Pernambuco, ³Pediatra e Professora e Tutora da Unifc - Bahia.

Introdução: O advento da covid-19, mudou a rotina de muitas famílias, visto que as atividades laborais e estudantis passaram a ser em home-office. Devido a estas mudanças no cotidiano das crianças, muitos pais e tutores possibilitaram de forma despercebida o aumento do tempo de telas, ampliando desta forma a exposição dos menores a riscos e danos. **Objetivo:** Identificar os impactos do aumento do tempo de tela em crianças pré-escolares e escolares durante o período da pandemia da covid-19. Alertar sobre os malefícios deste uso excessivo. **Metodologia:** Este estudo é uma revisão narrativa da literatura, realizada com busca nas bases de dados da PubMed/Medline e Google Acadêmico. Utilizando uma combinação de termos DeCS/MeSH. Foram incluídos artigos e manuais que abordassem a temática referente aos descritores: Tempo de tela, crescimento e desenvolvimento e pandemia, publicados em língua portuguesa entre 2019 e 2021. A coleta de material foi realizada no período de agosto a setembro de 2021. **Resultados:** Através do levantamento bibliográfico, percebe-se o aumento excessivo de tempo de tela durante a pandemia e seus impactos negativos na vida dos menores. Constatou-se que a exposição ilimitada as telas podem causar dependência digital, irritabilidade, ansiedade, depressão, transtornos do sono, da alimentação, da imagem corporal, sedentarismo, cyberbullying, cyber abuso, problemas visuais, auditivos e posturais. Em contrapartida, não se pode abolir completamente o uso de telas do cotidiano devido as suas funcionalidades de comunicação, educação e entretenimento. **Conclusão:** O uso excessivo de telas está relacionado a vários efeitos deletérios na saúde de

crianças pré-escolares e escolares, porém, ressaltamos que são necessários outros estudos para melhor caracterizar esses danos e criar novas estratégias de gerenciamento. No entanto, devemos ressaltar que crianças podem fazer uso de telas a partir de dois anos de idade, de forma regrada e supervisionada. Dessa forma, entendemos que os pais e tutores precisam ser orientados sobre a necessidade de levar as crianças para programas ao ar livre e estimular atividades longe das telas.

DEPRESSÃO INFANTIL E COVID-19: COMO A PANDEMIA IMPACTOU AS CRIANÇAS? UMA REVISÃO DE LITERATURA

Isabela Botelho Piovezan¹, Madara da Silva Simões¹, Guilherme Teixeira Chateaubriand¹, Bárbara Gonçalves de Oliveira², Caio Couto Pereira³

¹Acadêmico de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, ²Acadêmica de medicina da Unifenas BH, ³ Médico formado pela UFMG.

Introdução: A pandemia pelo novo Coronavírus impactou de diversas formas as crianças, embora a infecção pelo SARS-CoV-2, na cepa inicial que teve início em Wuhan, seja frequentemente oligossintomática ou até mesmo assintomática nesse público. Com as aulas suspensas, muitas delas fizeram a quarentena em suas casas, ficando impossibilitadas de sair para brincar, ter contato com amigos, professores e familiares. Somado a isso, tem-se o medo e o desconhecimento sobre o que de fato estava acontecendo no mundo, e como resultado, pode-se encontrar nas crianças impactos na saúde mental. **Objetivos:** Investigar as principais consequências da epidemia pelo novo coronavírus e da quarentena à saúde mental das crianças. **Metodologia detalhada:** Foi realizada uma revisão bibliográfica na base de dados PubMed, utilizando na busca pelos artigos as palavras-chave “depression, “children” e “covid-19”. Foram identificados 658 artigos, que foram filtrados segundo os critérios de inclusão de gratuidade para leitura, revisão sistemática ou metanálise, chegando a 24 artigos. Destes, 5 foram selecionados para análise, pois abordavam diretamente o tema. **Resultados:** Um estudo realizado em Bangladesh encontrou como resultado distúrbios em saúde mental em 43% das crianças, com destaque para depressão e ansiedade. Esse número é condizente com os resultados encontrados em uma metanálise que descreveu impactos na saúde mental de 22.996 crianças, encontrando números semelhantes para sintomas de ansiedade (34,5%), depressão (41,7%), irritabilidade (42,3%), sendo 79,4% dessa amostra negativamente afetada pela pandemia e pela quarentena, com destaque para a porcentagem de 22,5% que representa o número de crianças com medo significativo da covid-19. Além disso, uma revisão sistemática realizada a partir de 74 estudos encontrou como resultado um maior risco de desenvolvimento de depressão e sintomas ansiosos durante e após a pandemia no grupo das crianças. **Conclusão:** Novos estudos ainda são necessários para elucidar melhor os impactos da pandemia e da quarentena no público infantil. Mais do

que isso, é necessário que pediatras, psiquiatras infantis e psicólogos estejam preparados para prover assistência integral as crianças nesse período, a fim de minimizar os impactos sofridos por elas, em especial o risco de depressão e ansiedade.

SÍNDROME INFLAMATÓRIA MULTISSISTÊMICA PEDIÁTRICA ASSOCIADA A INFECÇÃO PELO SARS-COV-2 E SUA RELAÇÃO COM A SÍNDROME DE KAWASAKI

Débora Magalhães Campos¹, Débora Salomão de Castro¹, Déborah Maria Gonçalves Ribeiro¹, Evelyn Botrel Mendes¹, Laura Camargo Garrido²

¹Discentes do 5o período da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG; ²Médica pediatra, docente da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Introdução: A síndrome de Kawasaki (SK) é uma vasculite aguda Multissistêmica que é mais frequente na infância. A doença tem ganhado notabilidade, no cenário da pandemia de COVID-19, devido as semelhanças na apresentação clínica com a Síndrome inflamatória Multissistêmica pediátrica (SIM-P), entidade relacionada a infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) na infância. **Objetivo:** Discutir sobre a relevância das duas doenças e sua possível relação. **Metodologia:** Revisão bibliográfica dos artigos publicados entre 2010 e 2021, com os descritores “Síndrome de linfonodos mucocutâneos”, “COVID-19”, “Síndrome Multissistêmica” e “Pediatria” aplicados nos idiomas inglês e português. Foram utilizadas as bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, incluindo artigos pela qualidade metodológica, data de publicação e relevância do tema, e excluindo relatos de casos e artigos com metodologias controversas. **Resultados:** A síndrome de Kawasaki é uma vasculite aguda sistêmica que atinge principalmente artérias de médio calibre, como as coronárias, sendo a principal causa de cardiopatias adquiridas em países desenvolvidos. A etiologia da SK ainda é desconhecida, mas a sua apresentação clínica sugere relação com infecção por agente respiratório com tropismo por tecido vascular ou resposta imunológica exacerbada. Dentre os principais sintomas é possível evidenciar: febre alta persistente desde o primeiro dia da doença com duração de mais de cinco dias, exantema polimórfico e alterações nas mucosas. Com a pandemia do COVID-19, algumas crianças que contraíram o vírus evoluíram de forma atípica, apresentando a Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica algumas semanas após a fase aguda da infecção pelo SARS-Cov-2, sugerindo uma associação temporal com a infecção pelo vírus. A SIM-P e a SK possuem espectro clínico semelhante, tendo complicações cardiovasculares, manifestações clínicas e laboratoriais em comum. As duas doenças podem evoluir para síndrome do choque tóxico, sepse bacteriana e síndrome de ativação macrófaga. Tais complicações passaram a ter maior incidência em países com surto de SARS-CoV-2. **Conclusão:** A síndrome inflamatória Multissistêmica é desencadeada pela infecção pelo SARS-CoV-2, com aparecimento de sintomas em 2 a 4 semanas após a infecção. Apesar das manifestações clínicas da SIM e da

SK serem semelhantes, as duas doenças aparentam ser condições distintas.

CRITÉRIOS PARA O INÍCIO DO SUPORTE VENTILATÓRIO EM LACTENTES COM BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA GRAVE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Ana Carolina Campos¹, Eduardo Guglielmelli Canaan Ribeiro¹, Felipe Moraes do Prado¹, Leticia Campos Galvão¹, Romina Aparecida dos Santos Gomes²

¹Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, ²Pediatra, Professora do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina.

Introdução: A bronquiolite viral aguda (BVA), causada principalmente pelo vírus respiratório sincicial, é uma afecção de grande relevância em pediatria, uma vez que se trata da doença respiratória de maior prevalência em lactentes. A maioria dos casos de BVA são autolimitados, mas podem evoluir com insuficiência respiratória grave, sendo necessário o uso de suporte ventilatório. A sua gravidade é maior em crianças com comorbidades, como cardiopatias congênitas, imunodeficiências, doenças pulmonares prévias ou prematuridade. **Objetivo:** Analisar os critérios para o início do suporte ventilatório em lactentes com BVA grave e as recomendações para esse procedimento. **Metodologia:** Revisão da literatura nas bases de dados online LILACS, SciELO, UpToDate com os descritores bronquiolite viral AND suporte ventilatório. **Resultados:** Confirmada a bronquiolite viral aguda e excluídos os diagnósticos diferenciais, faz-se importante se atentar aos sinais de alarme como apneia, cianose, letargia ou agitação e bradicardia. Se presentes, deve-se considerar o suporte ventilatório, se não, deve-se prosseguir para um exame físico detalhado, observando se há presença de hipoxemia (SatO₂ < 90% em ar ambiente), esforço respiratório ou frequência respiratória > 70 irpm, desidratação, dificuldade para mamar e frequência cardíaca > 180 bpm. A presença de pelo menos um desses já indica a internação hospitalar, sendo que a SatO₂ < 90% em ar ambiente requer o uso da ventilação mecânica. Os tipos de suporte ventilatório indicados, segundo a revisão de Pedro A Piedra de 2020, são a cânula nasal de alto fluxo com ar aquecido e umidificado (HNFC) e o dispositivo de pressão positiva contínua nas vias aéreas (CPAP). A HNFC é um método não invasivo bem tolerado de suporte ventilatório, porém esse aparenta não ser mais benéfico que a CPAP. Suas contraindicações são relacionadas a anormalidades anatômicas que dificultam a passagem da cânula nasal. A CPAP se mostrou efetiva em diminuir o esforço respiratório dos pacientes e em prevenir a necessidade de intubação endotraqueal. **Conclusão:** Não há mudanças na literatura quanto ao manejo da bronquiolite viral aguda. A taxa de suporte ventilatório na BVA se manteve nos estudos analisados. Portanto, são fundamentais novas pesquisas, com melhores graus de evidência para uma melhor abordagem dos profissionais as crianças com BVA.

OS IMPACTOS DO ALEITAMENTO MATERNO NO DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS NA INFÂNCIA

Isabela Motta Monteiro Lommez¹, Lívia Aquino Daher¹, Marcella Lourenço Winter², Pedro Igor Guimarães Santos Xavier³

¹Acadêmico do 3º ano de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC- MG), Belo Horizonte, MG,

²Acadêmico do 3º ano de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG), Belo Horizonte, MG, ³Médico Pediatra formado pela Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG), Belo Horizonte, MG.

Introdução: A amamentação tem relevante impacto na prevenção de doenças, sendo fonte nutricional de indispensáveis elementos para assegurar a saúde do recém-nascido. Nesse sentido, além das vantagens nutricionais, psicológicas e imunológicas já cientificamente comprovadas, há evidência de que crianças amamentadas apresentam um melhor desempenho no seu desenvolvimento cognitivo futuro. Sendo assim, o impacto na saúde mental seria também mais uma justificativa para que esse ato seja estimulado de forma mais eficaz, uma vez que em todo o mundo, entre 10 e 20% das crianças e adolescentes sofrem de transtornos mentais, frequentemente com prejuízos persistentes e curso crônico. **Objetivo:** Demonstrar e analisar a hipótese de que a amamentação está fortemente relacionada à prevenção de, dentre tantos fatores, transtornos mentais. **Metodologia:** Realizou-se busca bibliográfica nas bases de dados SciELO, PubMed e UpToDate, através dos descritores “Aleitamento materno; Transtornos mentais; Criança”, em inglês e português. **Resultado:** A elevada e ascendente prevalência de TMC (transtornos mentais comuns) entre crianças e adolescentes é preocupante, pois estes transtornos influenciam negativamente o desenvolvimento emocional e qualidade de vida futuros. Estudos apontam um papel positivo da amamentação no desempenho em testes cognitivos, além de uma associação com menor incidência de problemas comportamentais e transtornos internalizantes. Uma possível explicação disso, é a composição do leite materno, rico em ácidos graxos essenciais, que são elementos fundamentais para o desenvolvimento cerebral. Assim, a exposição a esses nutrientes parece estar relacionada a maiores níveis de habilidades cognitivas em crianças, tendo sido encontrada uma associação entre baixo QI e depressão. **Conclusão:** Há indícios de que a amamentação esteja fortemente associada à prevenção de distúrbios mentais na infância, no entanto, pouco se sabe acerca do mecanismo de tal associação. Dessa forma, é necessário que mais estudos nesse âmbito sejam feitos para que tal relação seja estabelecida e se tenha a prevenção e diminuição da prevalência de TMC. Porém, mesmo sem um consenso estabelecido, a prática do aleitamento materno deve ser sempre estimulada visto seus inúmeros benefícios já comprovados cientificamente.

INDICAÇÕES E RECOMENDAÇÕES PARA VENTILAÇÃO MECÂNICA EM CRIANÇAS COM ASMA GRAVE

Gabriel Cavalcante da Silva¹, Larissa Moreira Santos¹, Júlia Marins Cunha¹, Mychelle Stefany Santos Almeida¹, Flávia Cristina de Carvalho Mrad²

¹Graduando em Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais; ²Docente do departamento de Pediatria na Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A asma é a doença crônica mais prevalente entre as crianças, e os quadros mais graves dessa doença ainda são frequentes e apresentam desafios no seu manejo. Em algumas situações, são necessárias intervenções imediatas, como suplementação de oxigênio e até mesmo ventilação pulmonar mecânica (VPM), visto o risco de evolução para insuficiência respiratória. A conduta rápida, segura e individualizada é essencial, sendo esse tema de grande relevância clínica. **Objetivo:** Levantar as principais indicações e recomendações para VPM em crianças no manejo da asma grave. **Metodologia:** Foi realizada pesquisas nas bases científicas atuais como UptoDate, MEDLINE/PubMed, SciELO, utilizando palavras chaves, como: "severe asthma", "acute asthma", "mechanical ventilation", "children". **Resultados:** A literatura evidencia que o manejo da criança com asma grave envolve um processo de reavaliação constante do tratamento. Inicialmente, a terapia medicamentosa de resgate envolve o uso de beta-2 agonista inalatório e corticosteroides. Nessas ocasiões, a assistência ventilatória não-invasiva pode auxiliar na melhora da disfunção respiratória enquanto se espera os efeitos da terapia máxima. Dependendo da evolução do paciente, se faz necessária a VPM, que tem como objetivo tratar a hipoxemia, hipercapnia, reverter a fadiga respiratória melhorando a dinâmica ventilatória. As indicações absolutas para a VPM são a apneia e drive respiratório insuficiente. Pode ser indicado também na hipoxemia persistente mesmo com dispositivo de oxigênio de alto fluxo e/ou assistência ventilatória, esforço respiratório grave, rebaixamento de consciência, parada cardiorrespiratória e hipercapnia progressiva apesar de terapia medicamentosa máxima. Uma revisão retrospectiva de dez anos evidenciou que asma grave de rápida evolução tem maior necessidade de VPM pois há um maior risco de insuficiência respiratória com deterioração rápida. Deve-se atentar que o paciente asmático pode apresentar via aérea de difícil manejo e VPM de difícil ajustes de parâmetros, além da possibilidade de haver complicações, devido à hiperresponsividade da via aérea ou à técnica aplicada. **Conclusão:** O resultado desse estudo evidenciou que a VPM é um método eficaz quando a terapia medicamentosa e oxigenoterapia e/ou assistência ventilatória não-invasiva não apresentam melhoras significativas no tratamento de asma aguda, sendo o maior objetivo evitar a evolução para insuficiência respiratória aguda progressiva, parada cardiorrespiratória e óbito.

EPIFISIÓLISE PROXIMAL DO FÊMUR EM FAIXA ETÁRIA ATÍPICA: RELATO DE CASO

Ana Paula Consentino Figueiredo Silva¹, Renata Barandas Mendes¹, Thayná Moura Almeida¹, Letícia Costa da Silva¹, Pedro Vasconcelos Barros Poggiali²

¹Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, ²Ortopedista Pediátrico nos Hospitais Mater Dei e Santa Casa de Misericórdia, Belo Horizonte, MG.

Introdução: A Epifisiólise Proximal do Fêmur (EPF) é a patologia do quadril mais comum na adolescência. Consiste no deslizamento epifisário, com variados graus de translação posterior e inferior da cabeça femoral em relação ao colo do fêmur, que se desloca antero-superiormente. O pico de incidência é 12,7 anos, numa proporção de 3:2 entre meninos e meninas. Trata-se de uma urgência ortopédica com tratamento cirúrgico mandatório. Logo, o diagnóstico precoce é fundamental para diminuir o risco de complicações. **Descrição do caso:** Paciente de seis anos foi encaminhado à avaliação ortopédica de um hospital em Belo Horizonte com relato de claudicação há três meses e dor progressiva no quadril iniciada há 15 dias. Ao exame físico apresentava redução na amplitude de movimentos dos membros inferiores e sinal de Drehmann. Além disso, possuía diagnóstico de obesidade por desbalanço energético, sem demais comorbidades. Foi levantada a hipótese de EPF bilateral, confirmada após realização de radiografia, sendo o paciente submetido à fixação in situ com parafuso canulado. **Discussão:** A EPF possui etiologia multifatorial, envolvendo causas anatômicas, genéticas e ambientais que aumentam o estresse e enfraquecem a placa epifisária proximal do fêmur. O período da puberdade é o momento de maior incidência da doença em razão das alterações metabólicas constituírem-se como importantes fatores predisponentes. Assim, sua ocorrência em crianças menores de oito anos ou adolescentes maiores de 15 é uma situação rara normalmente atrelada a endocrinopatias. Ainda não há esclarecimento sobre todos os mecanismos pelos quais a obesidade contribui para o desenvolvimento do quadro. Sabe-se que o excesso de peso promove aumento das forças de cisalhamento na articulação coxofemoral, mas acredita-se também que os elevados níveis de leptina tenham influência no processo de enfraquecimento da placa. Uma vez confirmado o diagnóstico, é recomendada a imediata fixação in situ da epífise a fim de evitar complicações graves como necrose avascular da cabeça do fêmur. **Conclusão:** O conhecimento sobre os fatores predisponentes de uma patologia é fator importante para reconhecimento do diagnóstico, especialmente quando o quadro foge à epidemiologia esperada. No caso apresentado, isso permitiu aos profissionais o estabelecimento rápido da conduta mais adequada, prevenindo complicações.

DIAGNÓSTICO DA DOENÇA PÉ-MÃO-BOCA

Lahiz de Carvalho Escrivães¹, Ana Christina Nunes de Carvalho Escrivães²

¹Estudante do Curso de Medicina do UNIFESO, ²Docente do Curso de Medicina do UNIFESO.

Introdução: A doença pé-mão-boca é uma enfermidade febril exantemática causada pelo vírus Coxsackie que pertence ao grupo dos enterovírus. Esta foi descrita pela primeira vez em 1957 durante um surto em crianças causado pelo vírus Coxsackie A16 no Canadá, e afeta crianças entre 1 e 4 anos, possuindo um curso autolimitado. Sua transmissão se dá pelo contato fecal-oral e por secreções respiratórias, com o período de incubação de 3 a 7 dias. Com isso, esse artigo visa reunir as informações expostas pelos artigos selecionados, enfatizando seu diagnóstico e tratamento. **Objetivos:** Elucidar o diagnóstico e tratamento da patologia pé-mão-boca. **Metodologia detalhada:** Foi selecionado artigos em espanhol na plataforma de dados BVS (Bibliografia Virtual em Saúde) entre os anos de 2018 a 2020 e que possuem em seus textos a temática abordada por meio dos descritores: Enfermedad boca-mano-pie e exantema. **Resultado:** O quadro clínico desta patologia é clássica, começando com mal-estar geral, seguido de febre e dor abdominal. As lesões na cavidade oral aparecem depois de 1 a 2 dias do início da febre e são geralmente encontradas em língua, palato, gerando odinofagia. O rash se desenvolve principalmente mãos e pés, sendo tipicamente vesículas circundadas por eritema. O diagnóstico é exclusivamente clínico e dispensa exames complementares. Em relação ao tratamento, são necessárias medidas de suporte como boa ingestão de líquido, repouso e alimentação leve, analgesia, além de medidas de controle da transmissão. **Conclusão:** Nosso interesse nesse trabalho foi reunir artigos atuais em espanhol com ênfase no diagnóstico e tratamento da doença pé-mão-boca e assim contribuir para o meio acadêmico. Dessa forma, vale ressaltar que se trata de uma doença com uma clínica clássica e fácil diagnóstico e que o tratamento engloba medidas de suporte ao paciente e controle para diminuir o risco de transmissão.

OS EFEITOS DO USO DE ÁLCOOL PELA MÃE DURANTE A AMAMENTAÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maria Eduarda Oliveira de Albuquerque Gonçalves

Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A amamentação é uma prática estimulada globalmente pelas organizações de saúde e promove amplos benefícios para a saúde e o desenvolvimento da mãe e da criança. Tendo em vista a fisiologia da produção do leite materno, dado que certas substâncias circulantes no sangue da lactante podem integrar a composição láctea, o presente trabalho busca analisar os dados existentes sobre a interferência do consumo de álcool pela mãe na amamentação e desenvolvimento do lactente. **Objetivo:** Promover uma revisão bibliográfica acerca das consequências da ingestão de álcool pela lactante durante o período de amamentação. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão bibliográfica a partir da base de dados PubMed, utilizando as palavras-chave: “alcohol”, “breastfeeding”, “outcomes”,

“lactation”. Os artigos foram selecionados segundo a data de publicação, com predomínio dos trabalhos produzidos nos últimos seis anos, a pertinência ao assunto e a disponibilidade do texto. **Resultados:** Por conta da facilidade de difusão, constatou-se que o álcool consegue atravessar facilmente para o leite e sua concentração neste pode chegar a 95% da concentração do sangue materno. Nesse sentido, até três horas após a ingestão alcoólica, o álcool ainda está presente tanto no corpo da mãe quanto no leite. Diretamente, foi mostrado que o álcool diminui os níveis séricos de ocitocina, interfere na prolactina, diminui a quantidade de leite ingerida pela criança, aumenta a frequência de amamentação, diminui a duração do sono do lactente e altera o odor do leite. A longo prazo, alguns estudos apontaram que as crianças amamentadas enquanto as mães consumiam álcool tiveram menor desenvolvimento, indicadores negativos em avaliações físicas e neurocomportamentais e, no caso daquelas previamente diagnosticadas com FASD, seus escores de dismorfologias foram mais altos em relação aos outros infantes. **Conclusão:** Nota-se que há ainda uma discrepância nos resultados a longo prazo da amamentação concomitante ao consumo de álcool. Assim, considerando as evidências que essa prática prejudica o desenvolvimento da criança, recomenda-se a abstinência durante esse período, embora sejam necessários estudos mais conclusivos sobre o tema.

OS IMPACTOS DA DERMATITE ATÓPICA NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Bryan Victor Serafim¹, Isabela Botelho Piovezan¹, Madara Simões e Silva¹, Ivan Henrique Cordeiro e Souza², Wandilza Fátima dos Santos³

¹Acadêmico de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais;

²Acadêmico de Medicina Universidade Federal de Ouro Preto;

³Médica assistente e preceptora do ambulatório de dermatologia da residência médica do Hospital das Clínicas da UFMG, responsável pelo ambulatório de dermatologia pediátrica.

Introdução: A dermatite atópica (DA) é uma doença inflamatória crônica de etiologia multifatorial, que afeta cerca de 25% das crianças e adolescentes. É caracterizada por placas eritematosas bem definidas, podendo apresentar vesículas e liquenificação. Estão presentes ainda xerose cutânea e prurido, que podem levar a ferimentos e infecções secundárias, afetando diretamente a qualidade de vida e podendo estar associada a outras comorbidades como distúrbios do sono, ansiedade, depressão e irritabilidade. **Objetivos:** Investigar os principais impactos de dermatite atópica na saúde mental de crianças e adolescentes. **Metodologia detalhada:** Foi realizada revisão bibliográfica na base de dados PubMed, utilizando na busca pelos artigos as palavras-chave “atopic dermatitis”, “children” e “mental health”, publicados nos últimos 5 anos e com gratuidade para leitura. Foram identificados 28 artigos, e 7 foram selecionados para análise, pois os demais apenas tangenciavam o tema ou relacionavam-se a adultos. Houve ainda consulta da Diretriz Norte-Americana para

cuidado e manejo da Dermatite Atópica, do documento Guia Prático de atualização em Dermatite Atópica - Parte I e dos sites da Sociedade Brasileira de Dermatologia e da Sociedade Brasileira de Pediatria. **Resultados:** A prevalência de distúrbios emocionais em crianças e adolescentes com DA foi de 26,7%. Além disso, outras comorbidades como hiperatividade e desatenção foram associadas. Houve correlação entre a gravidade da doença e o impacto na qualidade de vida, sendo maiores o estresse emocional, o prurido e os distúrbios do sono naqueles com DA grave. Deve-se destacar ainda os aspectos psicossociais da DA, visto que seus portadores comumente vivenciam *bullying*, discriminação, isolamento, e estigmatização na escola e na comunidade. Finalmente, é preciso atentar para comorbidades graves correlacionados à DA, como depressão e risco de suicídio, pois um outro estudo estimou que 31.0% das crianças e adolescentes com DA tenham depressão e 16.3% tenham ideação suicida. **Conclusão:** Pediatras, psiquiatras infantis e dermatologistas precisam estar preparados para assistir crianças e adolescentes com DA, uma vez que as repercussões psicossociais e emocionais da doença são extremamente significativas. Além disso, novas pesquisas são necessárias para elucidar melhor a correlação entre DA e suas implicações na saúde mental.

BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA O NEURODESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS PRÉ-TERMO

Camila Siqueira Araújo¹, Bruno Papp Geraldi¹, Marcele Almeida Santos¹

¹Acadêmico de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A infância é um período de extrema importância para o crescimento cerebral, sendo marcada pelo início da maioria das funções cognitivas, sociais, emocionais e comportamentais. No caso de nascidos a termo, os benefícios do aleitamento materno (AM) para o neurodesenvolvimento são bem descritos. No entanto, existem dúvidas se esses benefícios são estendidos para nascidos pré-termo, considerando as demandas nutricionais do terceiro trimestre da gestação. Diante da maior propensão a alterações estruturais e de conectividade cerebral descrita nessa população, estudos que avaliem as repercussões do AM sobre o neurodesenvolvimento de nascidos pré-termo são fundamentais. **Objetivo:** Compreender se o AM atua positivamente no neurodesenvolvimento de crianças nascidas pré-termo. **Metodologia detalhada:** Revisão narrativa da literatura científica, por meio da plataforma PubMed. Utilizou-se os descritores “breast milk”, “neurodevelopment” e “preterm” para selecionar quatro artigos relevantes sobre o tema, dentre aqueles publicados a partir de 2016, em língua inglesa. **Resultados:** Foram analisadas associações entre o AM e desfechos estruturais e funcionais do neurodesenvolvimento de nascidos pré-termo, a partir de ressonância magnética e escores funcionais. O AM nas primeiras semanas de vida de prematuros esteve relacionado a maior volume do hipocampo e de

substância cinzenta em idade equivalente a termo (IEAT), sobretudo no tálamo e nos gânglios basais, além de melhorias na conectividade das estruturas do SNC, como aumentos dose-dependentes na mielinização dos principais fascículos. Além disso, melhores desempenhos em testes de QI, de memória de trabalho e no escore de Bayley foram encontrados em idade escolar. Em comparação com a administração de fórmula infantil para pré-termos, o leite materno apresentou maiores benefícios para o neurodesenvolvimento, promovendo aumento significativo de volumes cerebrais (global, amígdala-hipocampal e cerebelar) e maior organização microestrutural da substância branca (sobretudo no corpo caloso, no ramo posterior da cápsula interna e no cerebelo) em IEAT. **Conclusão:** Os estudos demonstraram diversas associações positivas entre o AM e o neurodesenvolvimento de crianças pré-termo, identificando melhorias estruturais em áreas associadas a funções cognitivas, motoras e sócio-comportamentais, além de resultados superiores em testes de inteligência. Novos estudos são necessários para aprofundar esses conhecimentos e avaliar desfechos a longo prazo e repercussões sobre os demais sistemas de prematuros.

O IMPACTO DO RACISMO NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NEGROS

Claudia Rafaella Santos Oliveira¹, Talita Chaves Oliveira²

¹Universidade Federal de Minas Gerais; ²Universidade Federal de Santa Maria.

Introdução: o racismo é um sistema social que opera por três vias (estrutural, cultural e individual) causando uma desigualdade em saúde, logo é considerado um determinante social da saúde uma vez que afeta a saúde e o bem-estar da população negra, esta vivência o racismo desde a infância e isso impacta negativamente a saúde mental de crianças e adolescentes negros. **Objetivo:** Analisar o impacto do racismo na saúde mental de crianças e adolescentes negros. **Metodologia detalhada:** Foi realizado uma revisão da literatura, a partir de uma busca nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, utilizando os descritores: “Racismo”, “Saúde mental”, “Criança” e “Adolescente”, estes estão devidamente cadastrados no Descritores em Ciência e Saúde, empregando o operador booleano AND. Os critérios de inclusão foram artigos publicados em inglês e português, entre os anos 2016 e 2021 e os critérios de exclusão artigos destoantes do objetivo do estudo. **Resultados:** Foi observado nos estudos que crianças que vivenciam a discriminação racial tem duas vezes mais chance de desenvolverem um problema de saúde mental, como depressão, ansiedade, aumento do risco de suicídio e baixa autoestima, assim como distúrbios do sono. Outro estudo constatou que adolescentes que sofrem discriminação racial tem maior probabilidade de apresentar sofrimento socioemocional, como depressão e sintomas de internalização como ansiedade, estresse e solidão, além disso a discriminação também aumenta a chance de comportamentos externalizantes como delinquência e raiva, abuso de

substâncias como álcool e fumo, comportamento sexuais de riscos como sexo desprotegido e afeta o desempenho escolar e motivação acadêmica. Devido o desenvolvimento socioemocional acontecer majoritariamente nessa fase infantojuvenil, essa é uma fase crítica porque torna crianças e adolescentes mais suscetíveis a fatores ambientais como o racismo e leva a consequências duradouras que afetam a saúde mental do adulto negro. **Conclusão:** o racismo é uma forma de violência que afeta a saúde mental de pessoas negras desde a infância e é considerado uma questão de saúde pública, logo é de suma importância desenvolver políticas públicas para intervir no racismo e promover a diminuição desse impacto negativo na saúde mental dos indivíduos negros.

A PERSPECTIVA DA PLASMAFERESE COM REPOSIÇÃO DE ALBUMINA NO TRATAMENTO DA DOENÇA DE ALZHEIMER

Luísa França de Faria¹, Anna Claudia Lazo¹, Gabriela Ferreira Reis¹, Igor Amorim Amaral¹, Jéssica Brambati Martins¹, Júlia Antunes Botelho¹, Marianne Fonseca Sarto¹, Murillo Costa Oliveira¹, Raquel Barbosa Ribeiro¹, Guilherme Cunha Ribeiro²

¹Acadêmicos do 6º período do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Campus Betim; ²Médico especialista em Clínica Médica e Geriatria. PUC-MG.

A Doença de Alzheimer (DA) é uma patologia neurodegenerativa crônica progressiva, na qual os tratamentos objetivam a minimização da sintomatologia. Dessa forma, a plasmaferese surge como possibilidade terapêutica ao propiciar resultados promissores com melhoras nas funções cognitivas, como a memória e a linguagem. Esta revisão objetiva evidenciar o uso da plasmaferese com reposição de albumina no tratamento da DA. Acredita-se que a elevação da concentração do peptídeo beta amiloide (A β) no parênquima cerebral está relacionado com a fisiopatologia da DA. Levando em consideração que 90% desse peptídeo está ligado à albumina, a plasmaferese consiste na remoção do plasma do paciente e na substituição por uma solução contendo essa proteína plasmática. Dessa maneira, o sequestro plasmático periférico da A β provoca a redução desta no líquido cefalorraquidiano e no plasma, retardando a degeneração neuronal. Apesar dos resultados serem favoráveis, são necessários novos estudos para verificar a eficácia a longo prazo dessa terapia.

DÉFICIT NA DOAÇÃO DE CADÁVERES PARA O ENSINO DA ANATOMIA HUMANA, NO SUL DE MINAS

Gustavo Oliveira Silva¹, Matheus Pereira¹, Pedro Augusto Araújo Silva¹, Pedro Henrique Pires Abrantes¹, Pedro Nakano Pereira¹, Luis Henrique Rapucci Moraes²

¹Acadêmicos do Curso de Medicina UNIFENAS/Alfenas-MG; ²Professor titular do curso de Anatomia Humana

UNIFENAS/Alfenas-MG.

A utilização de cadáveres é o método mais antigo e efetivo de estudo anatômico. Porém, a escassez de doações dificulta este tipo de ensino. Objetivos: Discutir o déficit, investigar as causas e induzir a reflexão populacional sobre a doação de cadáveres. Metodologia: Foi aplicado um questionário à população do sul de Minas Gerais sobre o tema. Número do parecer CEP: 3.573.890. Resultados: Dos 202 questionários recebidos 98% conheciam o uso de cadáveres para estudo; 36,6% pensaram sobre doar o próprio cadáver; 49% acreditam não haver respeito nessas práticas; 73,8% doariam seu próprio corpo para fins terapêuticos, 5% teve contato com campanhas deste tema; 93,1% acreditam que mais campanhas seriam capazes de influenciar a ideologia popular. Conclusão: A desinformação induz esse déficit e a difusão do assunto resultaria em maior concessão de cadáveres nas universidades, aprimorando o ensino da Anatomia.

ASSOCIAÇÃO ENTRE FORAME OVAL PATENTE E MIGRÂNEA COM AURA - UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE ESSA ENTIDADE ANATÔMICA E SEUS EFEITOS NA MIGRÂNEA

Fernanda Royer Lee¹, Alexandre Luders Figueredo¹, João Guilherme Bochnia Küster¹, Elcio Juliato Piovesan²

¹Aluno de graduação em Medicina na Universidade Federal do Paraná (UFPR); ²Doutor em Medicina Interna, professor de Medicina Interna na UFPR.

O forame oval é uma estrutura embriológica que sofre obliteramento após o nascimento gerando a fossa oval. Caso não ocorra o seu fechamento completo temos o chamado forame oval patente (FOP) sendo sua relação com a migrânea com aura (McA) bem estabelecida em diversos estudos. Essa revisão pesquisou artigos científicos nas bases PubMed e SciELO objetivando montar uma breve revisão sobre a associação de FOP e McA. As principais informações indicam uma prevalência aumentada de FOP em pacientes com McA. Acredita-se que o FOP ocorra em 15-30% da população e essa prevalência aumente entre os pacientes com McA, sendo cerca de 41-48%. São necessários mais estudos para indicar o fechamento do FOP como tratamento para McA, mas a correlação é importante pois a migrânea é uma cefaleia incapacitante com elevados impactos socioeconômicos e pessoais.

LESÃO HEPÁTICA DESENVOLVIDA EM PACIENTES COM COVID-19: UMA REVISÃO DE LITERATURA

João Gustavo Franco Vargas¹, Felipe Camargo Ferreira¹, João Pedro Gambetta Pollay¹, João Pedro Wardani de Castro¹, Lucas Bressan Bosso¹, Mariana Fonseca¹, Marcos Vinicius Blasius Gomes¹, Nathan Nabozny¹, Yasmim Brick Santos¹, Ricardo Zanetti Gomes²

¹Graduandos de Medicina na Universidade Estadual de Ponta Grossa - Ponta Grossa/PR; ²Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, doutor e cirurgião vascular do Hospital Universitário Regional Wallace Thadeu de Mello e Silva, Ponta Grossa/PR.

Os danos hepáticos em pacientes com COVID-19 localizam-se nas células epiteliais hepáticas, em decorrência do receptor ECA2, pela hepatotoxicidade para o tratamento do coronavírus ou até devido à resposta imunológica excessiva do organismo. Revisão de literatura com descritores: “liver damage”, “liver injury”, “COVID-19”, “comorbidities” nas bases de dados PubMed, Scopus e Web of Science. Dos 115 resultados (66 duplicatas), 9 artigos foram selecionados. Alguns pacientes apresentaram diminuição da albumina sérica, aumento dos níveis de bilirrubina sérica e elevado número de enzimas AST e ALT, indicando lesão hepática. Além disso, foram relatados grande número de células hepáticas mitóticas, degeneração por balão de hepatócitos, inflamação leve, infiltração linfocitária moderada, esteatose e necrose lobular central, acompanhada por apoptose evidente. Não se obteve provas conclusivas através dos dados recentes. Entretanto, observa-se que as lesões hepáticas ocorrem por efeitos citopáticos induzidos pelo vírus diretamente e/ou imunopatologicamente induzidos por respostas inflamatórias excessivas ou medicamentosas.

PERFIL DE MORBIDADE DAS FRATURAS DOS OSSOS DO CRÂNIO E DA FACE NO BRASIL: ANÁLISE DE 5 ANOS

Davi Gabriel Barbosa¹, Brenda Melo Costa¹, Daniel Oliveira Costa¹, Luiz Fernando Leite da Silva Neto¹, Jean Vitor Silva Ferreira²

¹Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade do Estado do Pará (UEPA, Campus Belém, PA, Brasil); ²Enfermeiro formado pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Objetivo: Traçar o perfil epidemiológico das internações por fraturas dos ossos do crânio e da face no Brasil entre 2015 e 2019. **Metodologia:** Estudo ecológico com uso de dados do Departamento de Informática do SUS referentes às internações por fraturas dos ossos de crânio e face entre 2015 e 2019, analisando-se as variáveis: ano de internação, região, idade, sexo, raça e taxa de mortalidade. **Resultados:** Notificou-se 147.568 internações, destacando-se os anos de 2016 (20,4%) e 2015 (19,9%). O Sudeste obteve maiores registros (37,7%). 16,8% eram menores que 20 anos; 54,2% entre 20 e 39 anos e 23,1% entre 40 e 59. 82% das internações foram por homens. 39,3% eram pardos, 28,3% brancos e 3,5% pretos. Destes, 1001 foram a óbito, representando uma taxa de mortalidade de 0,68. **Conclusão:** Destaca-se a importância do conhecimento da epidemiologia deste agravo, permitindo averiguar possíveis causas associadas às fraturas e evitar comprometimentos funcional característicos destas.

**TUMOR PINEAL DE CLASSIFICAÇÃO INTERMEDIÁRIA -
RELATO DE CASO DE PATOLOGIA RARA**

João Vítor Andrade Fortuna Abrantes¹, Carolina de Oliveira Correa Vieira¹, Luisa Silva Ribeiro¹, Luiz Henrique Salamoni Abad²

¹Acadêmicos do 12º período de Medicina da Universidade Presidente Antônio Carlos de Juiz de Fora - MG; ²Neurocirurgia do Hospital Monte Sinai de Juiz de Fora - MG e professor de Neuroanatomia e Neurocirurgia da Universidade Presidente Antônio Carlos de Juiz de Fora - MG.

RESUMO: Em 2016 a Organização Mundial de Saúde divulgou nova classificação para os tumores do Sistema Nervoso Central, identificando a presença dos Tumores do Parênquima Pineal com Diferenciação Intermediária (TPPDI) como uma nova subdivisão, localizados entre o pineocitoma e o pineoblastoma. Relato: Apresentamos o

caso de uma paciente feminina de 28 anos, previamente hígida, admitida com Síndrome de Parinaud. A Ressonância Magnética do encéfalo demonstrou presença de lesão na topografia pineal, associada à hidrocefalia obstrutiva. Foi realizado tratamento neuroendoscópico para hidrocefalia, seguido de ressecção microcirúrgica da lesão por via infratentorial supracerebelar. O exame histopatológico revelou achados condizentes com TPPDI. O pós-operatório não apresentou intercorrências e a paciente evoluiu bem. Conclusão: Haja vista o pequeno número de casos relatados, não há consenso na literatura sobre a necessidade de tratamento complementar para os TPPDI com quimioterapia ou radioterapia, sendo necessários novos estudos para melhor elucidação da melhor conduta.